

INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES /UERJ: TRILHAS E RUMOS

Helena do Amaral Fontoura

SOBRE O PROJETO

O trabalho aqui apresentado, iniciado há dez anos, é relacionado à Iniciação à Docência, envolve licenciandos e alunos de escolas da rede pública de São Gonçalo, município onde está localizada a Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). O projeto Reforçando a Aprendizagem dos Alunos da Sexta Série tem como objetivo realizar atividades de forma lúdica e descontraída, procurando trabalhar dificuldades de aprendizagem, e influir na adaptação e sociabilidade dos que quiserem participar. Os trabalhos seguem principalmente a orientação de Freinet, contando com contribuições de Vygotsky e Paulo Freire. Com oportunidades de inserção para estagiários da graduação da FFP em Matemática, Letras, Geografia, História e Biologia, o projeto busca fortalecer a relação teoria-prática, propondo novas metodologias, enquanto busca facilitar o ensino-aprendizagem e atuar na formação do futuro professor. Esse exercício de docência proporciona aos licenciandos a aproximação desejada com a comunidade sob forma de experiência em serviço associando o ensino à produção acadêmica.

As professoras que elaboraram o projeto inicial investigaram que era na sexta série onde mais afluíam problemas e dificuldades na aprendizagem dos alunos. Descobriram, entrando em contato com os dados estatísticos da rede e com a narrativa dos professores dos alunos, que estes evidenciavam sinais de inadaptação. Havia também a vontade de estabelecer um contato mais aproximado entre a Faculdade de Formação de Professores e a comunidade gonçalense, a fim de proporcionar aos alunos das licenciaturas um campo de observação do trabalho escolar, tendo a possibilidade, portanto, de poder relacionar teoria e prática, de conhecer as dificuldades e obstáculos da carreira docente, bem como vivenciar experiências gratificantes em situação escolar (Pimenta, 1997).

Buscamos possibilitar o desenvolvimento intelectual e afetivo dos alunos de sexta série, através do exercício de uma prática pedagógica constante, que se faz e se debruça em si mesma de forma consciente, reflexiva e aprofundada na vivência do cotidiano escolar. Deste modo, ao contemplar e fundamentar, de forma indissociada, o desenvolvimento profissional dos licenciandos dos diferentes cursos da faculdade, reforça aspectos múltiplos: afetivos, cognitivos, morais, éticos e estéticos dos envolvidos, conseguindo estabelecer a ponte tão desejada entre a academia e a comunidade.

Durante esses dez anos ininterruptos de trabalho continuam presentes os objetivos da proposta inicial:

“(1) Propiciar aos alunos da FFP oportunidade de experimentar novas metodologias de ensino-aprendizagem tendo como núcleo articulador um referencial pedagógico que assegure a melhoria da qualidade do processo. Identificar entre os estudantes da FFP/UERJ o diálogo educacional necessário à integração dos conhecimentos teórico-práticos. 2) Fortalecer a relação teórica-prática no campo específico do conhecimento, propondo novas metodologias”. – Repensar o fazer pedagógico após observação e diagnóstico das condições de aprendizagem do aluno. – Buscar novas alternativas de intervenção no ensino e aprendizagem para a superação das dificuldades dos alunos da sexta série. 3). Reforçar e ou recuperar o aprendizado a partir do desenvolvimento das habilidades de cada campo específico de conhecimento.”(Rodrigues, Tiengo e Sá,1994)

Os trabalhos têm início com a seleção dos licenciandos que irão trabalhar como bolsistas, ao mesmo tempo em que se define uma escola interessada em sediar o Projeto. Quando se obtém, da Universidade, o número de bolsistas solicitado, seleciona-se um para cada disciplina das licenciaturas da Faculdade: Geografia, História, Matemática, Português e Biologia. São feitas reuniões de planejamento com os bolsistas e com a diretora, as coordenadoras, as professoras da escola e os pais dos alunos. A seguir, já conhecidos pelos funcionários, os licenciandos divulgam o trabalho entre os alunos, procedendo à inscrição dos interessados. No início, os alunos eram indicados pelos professores que selecionavam aqueles que tinham mais dificuldade. O fato gerou impressão de castigo, levando à evasão. No momento, os alunos da sexta série se inscrevem

voluntariamente. Há um contato constante entre os bolsistas e a coordenação do projeto para planejar, implementar e avaliar atividades.

Nos últimos dois anos, com a contribuição da UFRJ, o Projeto promoveu duas atividades congregando alunos da Faculdade de Formação de Professores e professores da rede escolar de São Gonçalo, com o objetivo de refletir criticamente sobre pontos considerados importantes para promover novas práticas pedagógicas visando a incentivar valores sociais indispensáveis na educação.

Trabalhos de campo são realizados em outras áreas fora da escola, pois contribuem para a formação e desenvolvimento dos bolsistas e dos alunos. Como exemplo citamos, em 2003, a visita ao Abrigo Cristo Redentor, de idosos de baixa renda em São Gonçalo e a visita à Casa das Artes, instituição de cultura gonçalense. Estas atividades ampliam os conhecimentos de sua localidade, constituindo um elo *real e potencial* de significação, condição essencial para aprendizagem, como postula Vygostky (in Oliveira,1993).

A visita à Fortaleza de Santa Cruz, em 2003, proporcionou a integração de licenciandos, alunos da sexta série e três turmas de Prática de Ensino I, integrando Ensino e Extensão. Acompanhada de um guia militar, preparado para a ocasião, foi possível conhecer detalhes da História do Brasil desde sua fundação até os dias atuais com realce nas torturas do século XVII até os anos da ditadura militar. Os detalhes de fatos interessantes fizeram com que o objetivo de despertar a curiosidade e valorizar museus e casas de cultura fosse atingido. Ao narrar as histórias ocorridas, o guia abordava a questão geográfica, histórica, científica permitindo possibilidade de abordagem em todas as disciplinas.

Finalmente, pode-se citar um evento marcante, ainda em 2003, onde os alunos da sexta série organizaram o Concurso de Poesia e Exposição Oral, realizado com a finalidade de promover a leitura de um livro literário. Cada um fez um poema ou um resumo sobre um livro lido e, posteriormente, apresentou perante a turma, que escolheu os melhores trabalhos.

TRILHAS DO PROJETO: APRENDER A ENSINAR, ENSINANDO A APRENDER

Atualmente sob a coordenação das Professoras Martha Hees e Helena Fontoura, o projeto está sendo desenvolvido na Escola Municipal Paulo Reglus Freire, em Portão do Rosa, um bairro habitado por população de baixa renda deste município. A ênfase teórica mais significativa é a Pedagogia Freinet. Este autor, (1969,1985,1991) atento para as atuais e freqüentes descobertas nos diferentes campos do saber, preocupa-se com a relatividade da verdade e nos fundamenta em suas principais características: expressão livre, comunicação, trabalho, cooperação, afetividade, registro, tato experimental e questionamento contínuo.

O trabalho, além de evidenciar progressos nas relações afetivas, tem dado a oportunidade de estimular a capacidade de ler, interpretar e criar idéias ante as mais diferenciadas situações, fatos e outros tipos de informações, que surgem no cotidiano escolar, incentivando a autonomia da pesquisa sobre a própria relação de ensino/aprendizagem. Tal atualização é fundamental porque, nos dias de hoje, a velocidade da produção de conhecimento, da modificação dos valores, da ética e dos comportamentos exige uma atualização contínua e permanente. O projeto de Iniciação à Docência se justifica, portanto, na medida em que busca alternativas para adequar aos tempos atuais as atividades desenvolvidas durante as aulas, em um processo contínuo de atualização da prática dos alunos bolsistas.

RUMOS DO PROJETO: VOZES DAS BOLSISTAS DE 2004

A VOZ DE JULIANA, LICENCIANDA EM GEOGRAFIA

"Se um dia os homens souberem raciocinar sobre a formação dos seus filhos como o bom jardineiro raciocina sobre a riqueza do seu pomar, deixarão de seguir os eruditos que, nos seus antros produzem frutos envenenados que matam ao mesmo tempo quem os produziu e quem os come. Restabelecerão valorosamente o verdadeiro ciclo da educação: escolha da semente, cuidado especial do meio em que o indivíduo mergulhará para sempre as suas raízes poderosas, assimilação pelo arbusto da riqueza desse meio. A cultura humana será, então, a flor esplêndida, promessa segura do fruto generoso que amadurecerá amanhã." (Freinet, 1991, p 7)

As aventuras e desventuras de professoras de primeira viagem

Uma mistura de ansiedade e curiosidade inquietava-me no dia em que a nova equipe do projeto Reforçando a Aprendizagem no Ensino da 6ª.Série do qual faço parte, foi à Escola Municipal Paulo Freire apresentar o nosso trabalho. Estava carregada de preconceitos, esperava ver inúmeras falhas, prontas a serem discutidas e condenadas. É importante ressaltar que o projeto foi muito bem recebido por todos na escola, principalmente a direção.

Porém já no segundo encontro em um conselho de classe, percebeu-se um estranhamento por parte de alguns professores. Para entendermos é importante salientarmos a complexidade da relação entre Universidade e escola básica, muitas vezes de policiamento sobre as práticas realizadas na escola, considerando-a como algo menor. Daí a necessidade de repensarmos o papel da universidade, cujo ranço acadêmico, nos leva, mesmo que não queiramos, a reduzir aquilo que vemos sob a ótica do conhecimento que julgamos saber.

Castellar (1999) nos revela que alguns dos problemas presentes nas situações relacionadas ao ensino - aprendizagem, são oriundos de um problema estrutural, que atinge o sistema educacional como um todo, uma vez que o descaso do governo com a formação do professor resulta em um sistema educacional de baixa qualidade. Insisto nessa breve reflexão sobre a relação escola/universidade porque de certo modo, esse encontro entre teoria e prática causou certo impacto em minhas práticas realizadas em sala de aula, fazendo com que eu revisse as minhas questões sobre qualidade do ensino, exercício da docência e a ação do professor.

A escolha do que trabalhar com os alunos foi algo que também muito me preocupou. Fizemos uma entrevista com os alunos na tentativa de formular um conteúdo programático. Depois de muita preocupação, resolvi trabalhar cartografia, uma vez que os alunos tinham uma grande aversão ao assunto de mapas. Uma vez escolhido o que trabalhar, era necessário escolher como trabalhar, isso então já era um novo desafio. A primeira atividade realizada com os alunos tinha o objetivo de tentar apagar o trauma das chamadas aulas de mapas, em que tinham que pintar os

continentes e colocar os seus respectivos nomes. Para isso foi feita uma atividade sobre o trajeto escola/casa, pedindo que colocassem o que era mais importante para eles no trajeto. Tal atividade ao longo das outras aulas causou muito interesse, resultando em um belíssimo concurso de maquetes.

“No que se refere ao conhecimento geográfico é necessário que o aluno aprenda também a mapear. Apenas copiar ou colorir mapas não consiste uma tarefa adequada para levar o aluno a pensar e tomar decisões. Mapear significa dar ao aluno oportunidade para definir critérios para representar classificações e correlações de forma gráfica nos mapas”. (Almeida, 1991,p.85)

Uma outra atividade que destaco foi a realizada sobre o estudo das regiões do Brasil, no caso específico o Nordeste. Após lermos dois relatos de imigrantes nordestinos na grande metrópole, pedi para que eles se colocassem no lugar desse imigrante, surgindo inúmeras questões sobre política, direitos humanos e papel do governo. Grande parte dos alunos relacionou a imigração ao desemprego, favelização e criminalidade, e um aluno em especial fez uma redação como se fosse uma carta ao Presidente Lula, com questionamentos políticos relativamente avançados para a sua idade.

A partir das discussões, pudemos prosseguir nas outras aulas em atividades com debates sobre desigualdades sociais, desemprego, crime e política e ainda através de exercícios com base em leitura e produção textual para que os alunos e alunas desenvolvam uma consciência política e se tornem sujeitos ativos na sociedade.

A VOZ DE FLÁVIA, LICENCIANDA EM LETRAS-PORTUGUÊS/INGLÊS

O projeto Reforçando a Aprendizagem no Ensino de Sexta Série é um convite e uma oportunidade conferida a estudantes de licenciaturas de vivenciar o cotidiano escolar bem como inaugurar suas memórias docentes. Ademais, busca-se romper a visão do senso comum e estudar de maneira crítico-reflexiva a realidade educacional e suas devidas implicações na prática profissional e no desempenho discente.

A Pedagogia de Célestin Freinet que se preocupa com a inclusão da criança e na construção de uma sociedade na qual esta possa se

desenvolver integralmente de forma mais humana e harmoniosa, corresponde ao referencial teórico que direciona nossas práticas. Suas propostas convulsionaram sua época e ainda são presentes e pertinentes nos contextos pedagógicos contemporâneo. Desenvolvemos este projeto na Escola Municipal Paulo Freire, localizada no município de São Gonçalo. Três dias da semana revezamo-nos em duplas e lecionamos matérias de Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática.

Circunscrita em minha área de interesse, Língua Portuguesa, invisto na relação intrínseca entre língua, cultura e cotidiano. Logo, os planejamentos de aula voltam-se para assuntos que motivam e despertam o alunado. Essa proposta é desenvolvida através de músicas e poemas, vida e prazer. É interessante salientar ainda que o diálogo constante entre as disciplinas é uma das prioridades do projeto.

Sem material didático e pressões da equipe diretiva da escola, o processo ensino-aprendizagem é realizado de forma libertária e libertadora. Os discentes realizam as tarefas sem medo das represálias avaliativas. O erro, por sua vez, é considerado um dos caminhos para se alcançar a resposta correta. Gramática e vocabulário são abordados a partir de textos produzidos pelos próprios alunos, os quais possuem um papel determinante na construção do seu próprio conhecimento a partir de um contato efetivo, real e significativo com o material de estudo. É empolgante vê-los trabalhando com tanta dedicação e interesse. Nesses momentos descubro e ao mesmo tempo consolidado em mim a paixão pela educação, pelo aprender, pelo descobrir e pelo ensinar.

Eu creio no poder da escola, na importância do papel mediador, construtor e colaborador do professor na conscientização de uma nação e de um cidadão. Por isso, começo agora a lutar, através deste projeto, pela educação e pelos ideais de tantos outros professores que, muitas das vezes anônimos, batalharam em prol desses objetivos e transpassaram o ideal utópico e/ou os tentáculos do fatalismo.

Logo, através deste projeto, almejamos contribuir para implantar uma educação digna e um cotidiano escolar marcado pela troca de intersubjetividade, pela construção conjunta do saber e pela infinita descoberta do mundo do conhecimento, da investigação, das idéias e dos questionamentos. Assim, a escola transformar-se-á em uma instituição que

propague a democracia, preocupada em minimizar as desigualdades, comprometida com o ser humano, sendo mais educacional e humana.

A VOZ DE KARLA, LICENCIANDA EM LETRAS- PORTUGUÊS/LITERATURA

*"Se tarda o encontro",
Se não o encontro,
Não desanimo procuro sempre".*
(Carlos Drummond de Andrade)

Celéstin Freinet , um francês que nasceu em 1896 e resolveu desde de cedo ser professor, mas o problema de saúde causado pela 1ª Guerra Mundial adiou seus estudos e planos. Em 1920 ele voltou a estudar e a seguir seu caminho numa aldeia no Sul da França, preocupando-se com sua Educação e das suas crianças. Assim passou a anotar tudo que ouvia e observava no comportamento delas, por conseqüência, reparou seus sucessos e fracassos e começou a notar, em seu contato cada vez mais intenso, que as crianças pareciam desmotivadas para com as atividades tradicionais e tinham suas atenções voltadas para o lado de fora da sala de aula.

A partir de suas observações, Freinet desenvolveu sua pedagogia em contato com a natureza, buscando o lado artístico, a interação social, a leitura e comentários de textos, enfim, ávida ligada ao meio social em que viviam os alunos, rompendo com a tradicional relação professor-aluno. Uma grande idéia de Freinet foi produzir e imprimir um caderno com as informações e emoções das crianças, causando grande entusiasmo, pois além delas trabalharem, estavam livres para escrever o quisessem.

Refletindo minha prática ao olhar de Freinet, observo que os meus alunos mostram-se bastante interessados quando proponho atividades para criar desenhos, pinturas e peço para os comentar. Observo, ainda, já estabelecemos um ótimo relacionamento de respeito e amizade. Então percebo que é preciso valorizar qualquer produção deles e respeitar o desenvolvimento e os interesses de cada um.

O trabalho que fazemos de Iniciação à Docência visa o aprimoramento do professor e dos alunos, a partir da comunhão de

saberes, interdisciplinaridades às suas realidades e da afetividade. Com isso, a proposta pedagógica que aplico tem por objetivo aguçar reflexões e percepções dos alunos nos aspectos individuais, também relacioná-los ao social e humano, por meio de conhecimentos que embasarão suas realizações futuras, ou seja, os façam agentes de suas histórias.

A minha participação ante tal proposta é atuar como “professor informação”, dando criticidade aos fatos e contribuindo com minha práxis para romper com o estigma rotineiro e desmotivador da escola, devido às atividades tradicionalistas. Assim, dentre as atividades propostas, há uma a que dedico especial atenção, que é desenvolver o gosto pela leitura. O ato da leitura pode ser mais que uma noção passiva de decifrar códigos lingüísticos (isto é, uma porção de palavrinhas difíceis e cansativas), como ouvimos constantemente as pessoas dizerem, para tornar-se um ato dinâmico e social, ampliador de conhecimentos; interesses que propiciem a construção de saberes e reflexões para com o ato de ler e nas diversas áreas. Como diz Paulo Freire: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, isto é, a leitura como continuidade da leitura do mundo, exigindo percepções críticas, interpretativas e reformulativas do que foi lido. Com essa proposta eles acabam produzindo mais textos, expondo suas opiniões e sentimentos; estabelecendo uma relação de companheirismo com o professor e transgredindo ao caráter de fracassado, devido às péssimas condições em que está a educação brasileira, colaborando assim para mudar esse quadro.

Partindo disso, na minha atuação visio incentivar; fomentar os múltiplos saberes e dialogar para compartilharmos e construirmos um conhecimento conjunto de mundo, tornando-nos cidadãos participativos em nossas realidades.

A VOZ DE NUREANE, LICENCIANDA EM HISTÓRIA

“ES MEJOR MORRIR DE PIE A VIVIR DE RODILLAS”
(É MELHOR MORRER DE PÉ A VIVER DE JOELHOS)
Che Guevara

Um grande desafio da educação transformadora é estarmos cientes de que esta perspectiva educativa sofre muitas resistências, enquanto atividade crítica e processos com comprometimentos políticos. Entendemos que abraçar a educação, apesar de muitas barreiras, implica em buscar formar cidadãos que sejam, ao mesmo tempo, conscientes, políticos, críticos e com capacidade de respeitar a alteridade e de interferir no contexto em que vivem.

Para alcançar esse objetivo, nossa vida de professoras deve visar uma postura política, com um comprometimento com o outro, na tentativa de superação de uma postura isolada e alienada que a princípio nossas crianças acabam tendo por estarem muitas vezes em situações de desvantagem social, o que não dá garantia de uma boa cultura, lazer ou moradia, entre outros fatores.

A docência deve estar pautada na busca de estratégias pedagógicas alternativas para uma formação adequada de nossos alunos. E é pensando nisso que o projeto de Iniciação à Docência do qual fazemos parte tem por principal intenção a não aceitação do aluno a esta realidade que há tempos nos é imposta: o conformismo.

E somente visando essa própria superação enquanto pessoas e professores é que podemos esperar uma retribuição positiva de nossos alunos, elaborando novas formas de práticas pedagógicas para tentar resgatar esse aluno para ambiente escolar; novas formas de abolir práticas pré-históricas da escola tradicional, que muitas vezes surpreendem este aluno que se assusta por não encontrar mais estes métodos tradicionais que tentamos mudar no nosso ambiente escolar.

Dentro desta perspectiva, desenvolvemos o projeto tendo por base as orientações de Célestin Freinet. Seu principal objetivo nos remeteria a tornar o professor ainda mais próximo do aluno, para a partir desse reconhecimento, estimulá-lo a fazer o que gosta, aprendendo de maneiras diferentes e prazerosas, não o obrigando a agir como máquina, pois, .ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa...(Freinet) .

A sociedade capitalista exige uma cultura baseada em imagens e necessita fornecer quantidades grandes de divertimentos a fim de estimular o consumo e anestesiar o povo, necessitando igualmente reunir quantidades

ilimitadas de informação, explorar os recursos naturais de modo eficiente, aumentar a produtividade, manter a ordem, fazer a guerra e proporcionar empregos burocratas.

Tendo por base tais acontecimentos, vemos que a realidade capitalista com respeito à educação pode se tornar ainda mais cruel com o passar do tempo; a partir daí buscamos mudar a visão de mundo dessas crianças ou pelo menos tentar fazê-las acreditar em si mesmas e criar seus próprios recursos.

Não podemos deixar que viremos produtos para satisfazer as elites, porque estas são as principais firmadoras de políticas de personalidades “relâmpagos”, que nada mais são que propostas de acultramento, reproduzindo novas formas de exclusão. Essa é a garantia que nos dá o projeto, nos permite tentar mudar esta realidade; uma das opções que usamos é a música. Buscamos desenvolver a consciência cultural aliando música e História em um trabalho de construção de conceitos a partir de movimentos no tempo e na musicalidade.

É possível tentar mudar a realidade de nossos jovens e crianças, não é utópico pensarmos assim. Não podemos continuar sentados esperando que sempre outros façam aquilo que é de nossa própria obrigação; não podemos deixar que apaguem nossas ilusões, nossos sonhos, e que digam que somente o adolescente ou o jovem é sonhador e que depois passa... Nossos sonhos são feitos para serem realizados e não esquecidos... Não haverá outro caminho para conscientizar um povo, a não ser pela educação; acredito que essa seja a forma para que façamos parte de uma sociedade consciente, ativa e criativa.

Viva a gentileza!

“Por isso eu pergunto a vocês no mundo se é mais inteligente o livro ou a sabedoria, o mundo é uma escola a vida é um circo, amor palavra que liberta, já dizia o profeta...” (Gentileza de Marisa Monte, segundo as palavras do profeta Gentileza, que terminou seus dias na Colônia Juliano Moreira, para doentes mentais)

A VOZ DE RENATA, LICENCIANDA EM LETRAS-PORTUGUÊS/INGLÊS

Quando se começa a cursar uma faculdade, muitos são os planos, desejos e expectativas. A cada disciplina cursada une-se a vontade de colocar em prática tudo o que se está aprendendo e descobrindo. O projeto Reforçando a Aprendizagem dos Alunos de Sexta Série veio preencher o espaço que estava vazio, aquilo que faltava na minha vida acadêmica. Agora, teoria e prática andam lado a lado. Essa prática que me faz pensar na teoria, que abre minha mente para novas propostas, se realiza de maneira muito suave. Fora da pressão que existe em uma escola de ter que cumprir um plano estabelecido, de ter que aprovar ou reprovar, não esquecendo da pressão exercida sobre os professores, o projeto nos remete a um ambiente agradável, sem cobranças, sem a obrigação de ter que fazer para ser aprovado. O processo de ensino-aprendizagem se dá de maneira natural, pois os alunos fazem as atividades propostas porque desejam fazer, porque desejam aprender. Como a prática nos faz pensar na teoria, posso dizer que nesses seis meses de projeto tenho comprovado o que aprendi na faculdade. Muitos professores falavam a respeito, mas só com a prática é que se poderia confirmar: quando se dá aula, muito mais se aprende do que se ensina.

A VOZ DE SIMONE, LICENCIANDA EM MATEMÁTICA

Minha experiência tem sido um grande desafio já que a Matemática é o “bicho-papão” das disciplinas escolares. E é devido a isso que, desde o primeiro dia de aula, senti que o meu objetivo maior seria mudar essa história. Após o meu primeiro dia de aula, quando cheguei em casa, minha mãe perguntou-me como tinha sido o dia e eu disse: *“Sabe quando a gente olha para alguma coisa e tem a certeza de que é isso que a gente quer para a nossa vida? Pois foi isso que senti quando cheguei na sala de aula e olhei para cada rostinho receoso e, ao mesmo tempo, atento para todas as palavras que eu dizia. Foi inesquecível!”*.

Mas, o desafio maior tem sido criar atividades que possam atender a faixa etária da turma, que é muito variada. Procuro sempre estimular a criatividade dos alunos além, é claro, da comunicação e expressão em todo trabalho realizado em sala, tanto em grupo quanto individualmente, afinal,

o professor deve acompanhar seus alunos assegurando-os do caminho a ser seguido, dando todo o tipo de apoio necessário para que eles cresçam educacionalmente. Além disso, o professor deve ser, acima de tudo, amigo do aluno para que um vínculo de confiança seja criado entre eles. Assim como na metodologia de Freinet, meus alunos têm livre autonomia para escolher o material de trabalho e o caminho a ser seguido por ele. Busco também o senso de cooperação entre eles e tenho visto muitos resultados. Uma coisa que sempre tenho comigo é que não há regras para ensinar e também não há para aprender; o que há realmente são técnicas que podem dar certo, ou não, isso dependerá do local a serem aplicadas, dos alunos, dos diretores das escolas, dos orientadores pedagógicos e de diversos outros fatores influentes.

É necessário experimentar novas técnicas, não só para sair do tradicionalismo, mas como uma forma de incentivar, estimular, dar prazer às crianças no que diz respeito à aprendizagem. Meus objetivos gerais são: eliminar o "medo da Matemática" e trabalhar o gosto pela mesma, utilizando o cotidiano como a interação dos conteúdos escolares e a vida, fazendo com que o aluno entenda e utilize os conhecimentos matemáticos em sua realidade.

VOZES DOS ALUNOS E ALUNAS DA SEXTA SÉRIE

"O projeto é um progresso para a minha vida. Eu descobri o meu talento de ser compositor. Faço várias atividades como ler, fazer histórias e fazer música. O projeto me tirou de acordar 12:00 horas e agora eu acordo 8:20. O projeto é muito bom." (Rodrigo Honorato Batista)

"O projeto é muito legal, aprendemos coisas novas, interessantes e ajuda muito no aprendizado à tarde. As professoras são muito legais. Foi uma boa idéia fazerem esse reforço." (Tássio Miller)

"O projeto para mim é como se fosse um reforço ótimo para me ajudar na escola e eu gosto muito das professoras também e das matérias que me ajudam. Elas explicam muito bem." (Alex Lucas)

"O projeto para mim é muito bom as professoras são legais e o projeto me ajudou nas matérias que eu estava com dificuldade." (Gabriel)

"O projeto da UERJ para mim é super legal. Eu adorei quando comecei a vir. As professoras são legais, elas ensinam bem. Por causa desse projeto eu

melhorei na minha nota. Por causa do projeto eu aprendi mais. Só isso." (Andressa Montibelo Ximenes)

"Eu saí do Projeto porque antes, quando eu estava vindo, meu irmão ficava com a babá, só que ela não vigiava ele direito. Minha mãe mandou ela ir embora. Por isso, eu tive que parar de vir ao Projeto para tomar conta dele, mas agora eu voltei porque ele está ficando com a minha tia." (Hestefany de Almeida, que havia saído do projeto)

CONCLUINDO A ESCRITA, CONTINUANDO O TRABALHO...

Durante o desenvolvimento do projeto tem sido possível refletir sobre os problemas que afetam a educação em um contexto de diferenças, de desigualdades, de injustiça social, e tendo como enfoque a interdisciplinaridade, obter resultados efetivos tanto no aspecto cognitivo quanto valorativo. O modo diferenciado e significativo de ensinar que tem sido desenvolvido, de acordo com os relatórios e depoimentos dos licenciandos, demonstram e evidenciam que as experiências das atividades realizadas têm uma grande e peculiar importância, tanto para o aprimoramento de suas práticas pedagógicas, quanto para o aperfeiçoamento cultural dos alunos. Isto porque, por um lado, em virtude da relação ensino-aprendizagem ser realizada em grupos menores, os licenciandos podem ter uma percepção maior das dificuldades dos alunos e ajudá-los a superar as mesmas. Por outro, as atividades realizadas permitem uma reflexão mais aprofundada sobre as dificuldades no relacionamento dentro da escola, a dinâmica dos trabalhos fora da sala de aula, os problemas imprevisíveis que ocorrem. Continuaremos com o projeto em 2005, atendendo à solicitação da escola de atender às classes de quinta série, buscando ter entre as bolsistas alguém da área de Ciências e trabalhando em conjunto para contribuir no sentido de uma escola mais democrática e feliz.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela D. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. *Revista Terra Livre*, 8, p 83-90, abr;1991.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A formação de professores e o ensino de Geografia. *Revista Terra Livre* 14, p 48-55, jan-julho.1999.

FREINET, Celestin. *O jornal escolar*. Portugal: Editorial Estampa, 1969.

_____. *Para uma escola para o povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

_____. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 3 ed. 1991

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vigotsky : aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

PIMENTA Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?* São Paulo: Cortez ,1997.

RODRIGUES, Maria Luiza Vasco, TIENGO, Marilena e SÁ, Dalva Fernandes de, *Projeto inicial*, 1994,(FFP, mimeo)